

+

O acordo embaixo da
árvore

Steven Pinker:
“Boa escrita requer
empatia”

Desbrave o mundo dos
vinhos

BeCool

Carol
Marra



25/11/2016

AGUARDE

twitter.com/becoolmagazine
facebook.com/RevistaBecool

BeCool

SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Bruna Marquezine

6 | SETLIST

Pra voltar a ser criança

7 | ROTEIRO SP

Outubro de 2016

44 | FAZ SENTIDO?

A portinha do armário

45 | CRÔNICA

Quero o meu mundo de volta

46 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | O A CORDO EMBAIXO DA
ÁRVORE

Amor e ódio entre índios e
quilombolas

12 | DESBRAVE O MUNDO DOS
VINHOS

Dicas pra quem está iniciando

16 | DEFININDO O ABDÔMEN

Melhores exercícios para
oblíquos

20 | PASSE DO JEITO CERTO

Dicas para passar perfume

24 | ENTREVISTA

Steven Piner

28 | ENSAIO

Carol Marra

40 | É POSSÍVEL TER PRAZER

Deixe o sexo anal prazeroso pra
ela



facebook.com/RevistaBecool
twitter.com/becoolmagazine
youtube.com/revistabecool
adngui@gmail.com



Estamos de aniversário! São quatro anos de vida! E mês que vem chegaremos a uma marca histórica para revistas nascidas depois de 2010: chegaremos ao número 50. Em breve, vai fazer 50 meses que nos conhecemos. Não é emocionante?

Mas quem vai ganhar o presente é você (tapa na cara), com essa belíssima edição 49 que estamos a entregar. A começar pelo ensaio lindíssimo com a modelo e atriz Carol Marra, que você não pode perder. E temos também dicas para deixar o sexo anal prazeroso para ela. Sim, a Sandy estava certa.

Na linha de matérias sérias, um relato do acordo e dos conflitos entre indígenas e quilombolas no oeste do Pará e uma entrevista com o professor Steven Pinker sobre como melhorar a escrita. Tem também um guia pra você desbravar o mundo dos vinhos, exercícios oblíquos para definir o abdômen, o jeito certo de passar perfume, Bruna Marquezine em "Mulheres Que Amamos", uma Setlist pra voltar a ser criança, o melhor do Twitter, o roteiro dos paulistanos no mês, uma charge e as colunas de Mônica de Souza (que vai tirar férias agora) e Alberto Villas.

Parabéns para nós! A BECOOL 49 está no ar. Boa leitura e não deixe de seguir nas redes sociais.

- Você retweetou
snap: NaoSalvo @naosalvo · 17 min
Minha alimentação é ruim e eu não pratico exercício. Acho q se eu focar por 3 meses consigo ter uma alimentação péssima e só ficar deitado.
- Você retweetou
Vinicius Colares @DoutorCaligari · 10 de out
Jonathan Nolan não seria um Nolan se não colocasse um veterano visitante do parque pra explicar tudo pro novato.
- Você retweetou
Bruno Winckler @bwinckler · 5 h
Bem, Amigos sem Luxa não tem graça. Devia entrar pro quadro fixo do programa
- Você retweetou
Daniel Furlan @DanielSFurlan · 7 h
Por mais que você admire o trabalho de uma pessoa, no final das contas ela só está tentado conseguir um papel numa novela.
- Você retweetou
Marcel Agarie @Agarie · 1 de out
Só vou comprar ômega 3 quando o Silvio Santos me ligar. E não pode ser gravação.
- Você retweetou
PAULERA DE TIOZÃO @bonfiglio · 29 de set
Eu queria saber quais os parâmetros adotados pelo Molejo para afirmar que o cabo de vassoura é pior do que cenoura.
- Você retweetou
Jesus me abana @Julieta100Romeo · 25 de set
Eu bebo pra esquecer que se fosse pra lembrar eu anotava e de vc não quero me lembrar de nada nada nada
- Você retweetou
Blendinha @SrtaBlenda · 24 de set
Quais foram suas atitudes de hoje pra não deixar o samba morrer?
- Você retweetou
Cerginho da P. Nunes @caitomainier · 23 de set
li q o celso rófi gostou do time do inter na derrota pro fortaleza e vai repetir o esquema contra o altético mineiro. foco no projeto serieB
- Você retweetou
Impedimento @impedimento · 23 de set
Juventude indo longe na Copa do Brasil e o Inter brigando para não cair. É 1999 tudo de novo.
- Você retweetou
Ludinha líder @Lud_ACG · 21 de set
É mais fácil estudar o cérebro q entender vcs homens 😊
- Você retweetou
Bruno @BrunoHoffmann · 20 de set
Só confiarei na publicação PIZZA GUARDADA NA GELADEIRA PARA COMER NO DIA SEGUINTE MESMO SEM ESQUENTAR LIFE STYLE

Mulheres Que Amamos

BRUNA MARQUEZINE

Bruna Marquezine iniciou a carreira ainda criança, com comerciais e aparições em programas de televisão, como o *Gente Inocente*, apresentado por Márcio Garcia. Logo em sua estreia no mundo das novelas, em 2003, a atriz já chamou a atenção ao interpretar a menina Salete, em *Mulheres Apaixonadas*. Aos 10 anos, viveu Flor, em *América*, e, em 2006, deu vida à Lurdinha, de *Cobras e Lagartos*.

Em 2007, Bruna retornou à televisão como Andressa, da minissérie *Amazônia*, de Galvez e Chico Mendes, e Maria Augusta, em *Desejo Proibido*. Flor de Lys foi seu papel em *Negócio da China*, de 2008. Antes de ver sua fama realmente estourar, Bruna ainda viveu Teresinha em 2010, em *Araguaia*, ve Belezinha, em 2011, em *Aquele Beijo*.

Em 2012, a atriz se destacou novamente pelo talento e também pelo corpo escultural, exibido em horário nobre graças à periguet Lurdinha, de Salve Jorge. Com a fama, vieram também as especulações sobre a vida pessoal e, após muitos rumores, Bruna assumiu o namoro com o jogador Neymar durante o Carnaval de 2013. No mesmo ano, a atriz estrelou diversas campanhas publicitárias e desfilou duas vezes para a grife Coca-Cola Jeans, durante o Fashion Rio.

Em 2014, o currículo de Bruna ganhou mais um importante trabalho: ela teve a oportunidade de viver a fase jovem da nova Helena de Manoel Carlos, na novela *Em Família*. Atualmente, interpreta Beatriz em *Nada Será Como Antes*.

Set List

PRA VOLTAR A SER CRIANÇA

Não, queridos. Não se trata de músicas infantis. São músicas pra quem quer recordar a infância — e a gente não ouvia só Balão Mágico quando era menor, né? Como assim você não sabe o que é o Balão Mágico? O que importa é que escolhemos este tema porque estamos no dia 11 de outubro e, se você estiver a ler esta revista no dia em que foi ao ar, o dia das crianças é amanhã, o único evento do mês que não tem nenhuma relação com política. E nada melhor do que comemorar sem mudar a foto do Facebook.



5. SPICE GIRLS — WANNABE

Nos anos 90, as meninas dançavam ao som delas, as Spice Girls. E nada remete mais à infância dos anos 90 do que essas mulheres que estamparam figurinhas e até uma câmera Polaroid. “Wannabe” é o hino das girl bands (sorry, Fifth Harmony) e leva aqui nossa quinta posição



4. TAYLOR SWIFT — ENCHANTED

Antes da polêmica com o Kanye West e antes do blockbuster “1989”, a nossa querida ~~linda diva adorada pelo povão~~ cantora era uma diva country com pose de princesa. “Enchanted” é uma música de amor (tão Taylor) dessa época de que muitos fãs ~~malas~~ sentem falta. E muitas crianças adultas também.



3. JUSTIN TIMBERLAKE — CAN'T STOP THE FEELING

Mas trilha de desenho pode? Se for na voz de Justin Timberlake, pode com certeza. Uma música divertida demais pra ficar de fora dessa setlist. Medalha de bronze.



2. TOQUINHO — AQUARELA

O clássico do cantor e compositor que só emplacou uma música que a gente lembra — em partes graças a uma fábrica de lápis que a usou como tema de comercial. Por isso e pela forma como explora a imaginação para falar sobre a vida que vai passando. Só uma obra muita genial para tomar de “Aquarela” o primeiro lugar.



1. CIA DO PAGODE — NA BOQUINHA DA GARRAFA

Vai dizer que isso não é genial? Vai dizer que você nunca viu ninguém dançar isso na escola? Os anos 90 eram loucos. Por onde anda o Negão Jamaica?



NÃO DEIXE DE OUVIR: T.O.P.O.

Primeiro single de “Rockstar”, novo álbum de Raffa Moreira, “T.O.P.O.” é um trap cheio de egotrips que vem com a proposta de “colocar os negros no topo” contra a cena branca e rica do novo rap nacional. O clipe já está disponível no YouTube.

Roteiro SP



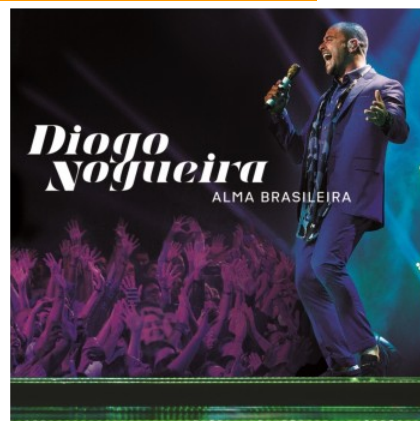
FILME: KÓBLIC

Argentina, período da ditadura militar da década de 70. Kóblíc (Ricardo Darín), um ex-capitão das Forças Armadas, é responsável por coordenar as operações aéreas conhecidas como os "voos da morte", onde elementos considerados subversivos eram arremessados de dentro dos aviões diretamente ao encontro do mar.



LIVRO: PUNHO CERRADO — A HISTÓRIA DO REI

(Letramento, 308 páginas, R\$ 50) Reinaldo inspirou uma geração inteira. Com seus dribles curtos e gols improváveis, foi estrela de primeira grandeza do futebol mundial. Fora de campo, o Rei lia os livros emprestados por um vizinho cujo filho, Frei Betto, fora preso pela Ditadura. Assim tomou consciência do que se passava durante os anos de chumbo. Amigo dos artistas e ativistas políticos, mal quisto pelos militares, celebrava seus gols com o punho cerrado da resistência. A história de Reinaldo, aqui relatada como nunca antes, é feita de glórias, dramas e injustiças. Desfilam por ela craques inesquecíveis, cartolas lendários, múltiplos campeões. Mas também os beques sanguinários e os juízes ladrões.



CD: ALMA BRASILEIRA (AO VIVO)

(Universal, R\$ 22) O CD "Alma Brasileira" é uma grande homenagem ao samba e à música popular brasileira. No show, gravado no Rio de Janeiro, Diogo reúne músicas de grandes compositores do samba e de amigos, que fazem parte da sua carreira, como Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Jorge Aragão, Serginho Meriti e Roberto Ribeiro, em pot-pourris perfeitos para qualquer baile ou roda de samba. No repertório também estão interpretações bem particulares de sucessos de Cazuza, Milton Nascimento e Gonzaguinha, além da inédita "Pé na Areia" e de músicas do seu último álbum como "Clareou" e "Alma Boêmia".



SHOW: TALIB KWELI

O rapper Talib Kweli apresenta-se no Cine Joia, como atração da oitava edição da festa Turbulência. Kweli trabalhou com Kanye West, Pharrell Williams, Just Blaze e J Dilla, entre outros nomes do conhecidos da seu estilo musical. Dia 15, às 23h no Cine Joia: Praça Carlos Gomes, 82 - Sé. Tel.: (11) 3231-3705. Ingresso: R\$ 40.

A large, leafy tree in a misty forest with a rocky foreground.

O acordo embaixo da árvore

No oeste do Pará, índios e quilombolas vivem relação
histórica de amor e ódio.

Por TOMÁS CHIAVERINI

A canoa

escavada numa tora
única, tem um metro e
meio de largura por
uns oito de
comprimento. Apesar

do tamanho, o casco é fino, não passa de dois centímetros, e a embarcação lembra uma grande folha seca. Nela vão 15 pessoas, inclusive um bebê, que passa a maior parte do tempo mamando no peito da mãe. Além dos passageiros, há uma bela pilha de galões de 50 litros para armazenar combustível, artigo de primeira necessidade que, por ali, substitui o real como moeda corrente.

A viagem já dura mais de duas horas quando o rio Cachorro começa a rosnar, transformando-se numa corredeira. Lá atrás, o piloto reduz a marcha do motor de 15 HP enquanto, na proa, o jovem índio cachoeirista, munido de um remo curto e largo, tenta colocar a canoa no rumo certo por entre a barreira de pedras coberta pela água, que corre cada vez mais depressa.

A coisa não parece ir bem. O casco raspa numa pedra, depois em outra, com mais força, depois mais uma, e a canoa entala. Ergue o bico e fica ali, no meio da corredeira. Dá a impressão de que a qualquer instante vai se partir em dois. As mulheres, as crianças e os homens conversam entre si na sua língua nativa, Katxuyana, e ninguém se sobressalta. O bebê mama. Mas a canoa segue empacada. Até que o cacique Juventino Perisima Kaxuyana, 54 anos, se joga na água, pondo-se em pé, sobre o leito do rio.

Um dos rapazes que ia na proa faz o mesmo. Com água acima dos joelhos, eles trocam instruções em Katxuyana. Há urgência no tom, mas nada além disso. O cachoeirista rema para trás, a canoa recua, o piloto dá mais um pouco de motor, o cacique e o rapaz mais jovem empurram por fora, com os pés escorados nas pedras lisas do rio. Dá trabalho, é demorado, mas, após alguns minutos de esforço, a embarcação vence a corredeira. Lá atrás o piloto torce o pulso, acelerando o motorzinho, enquanto os dois índios pulam de volta para dentro da canoa. O bebê continua a mamar.

Até chegar à aldeia Santidade, o grupo venceria inúmeros trechos como aquele. Há mais de 200 anos, na segunda metade do século 18, foi em parte por causa dessas corredeiras que os escravos fugidos, espalhados pela região de Oriximiná (Pará), conseguiram manter o homem branco à distância. Mais recentemente, também por causa delas, o governo federal nutriu planos de construir uma hidrelétrica que ficaria bem no limite entre a terra dos indígenas e a dos quilombolas, numa região conhecida como Cachoeira Porteira.

A última tentativa de levar o projeto da usina adiante ocorreu em 2014, mas foi barrada pelo Ministério Público Federal (MPF) de Santarém. A recomendação do MPF levou em conta o fato de a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) não haver consultado os povos que tradicionalmente habitam a região. Por meio de nota, a EPE afirma que, no momento, não há planos para reiniciar os trabalhos. Tanto a posição do MPF quanto a decisão da empresa de paralisar os trabalhos por ora devem-se, em boa parte, à pressão conjunta de índios e quilombolas, que se uniram contra a ideia de ter suas terras alagadas para gerar energia.

O convívio entre esses dois povos teve altos e baixos ao longo dos séculos. Foi da cooperação mútua – quando, nos idos do século 18, os escravos fugidos aprenderam a viver na mata com os seus habitantes ancestrais – às vias de fato de um conflito, quando, em 2012, os quilombolas atearam fogo em casas e destruíram plantações de aldeias Txikyana e Wai-Wai. O embate foi motivado pela questão que aflige as comunidades da região do rio Trombetas como um todo: a demarcação de terras.

O convívio entre
esses dois povos
teve altos e
baixos ao longo
dos séculos.



Além dos povos tradicionais, o impasse contou com dois outros protagonistas: o Instituto de Terras do Pará (Iterpa) e a Fundação Nacional do Índio (Funai). De um lado, o Iterpa demarcou a terra quilombola de Cachoeira Porteira, em 2012; de outro, no mesmo ano, a Funai concluiu o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação (RCID), que estipulava os limites da terra indígena Katxuyana-Tunayana. O problema: no território reivindicado pelos negros e traçado pelo estado do Pará, havia cinco aldeias que foram desconsideradas.

Diante do impasse, a demarcação de ambas as terras foi suspensa, sob o pretexto de que só um acordo entre índios e negros resolveria a situação. “No fim, ficou parecendo que a culpa do processo não andar era nossa”, disse o cacique Juventino, presidente da Associação Indígena Katxuyana, Tunayana e Kahyana (Aikaturk).

Por três anos foram feitas diversas reuniões com as lideranças de ambos os grupos e os órgãos envolvidos. Em 2013, o MPF de Santarém moveu uma ação civil pública contra a União e a Funai requerendo resultados quanto à questão da sobreposição. Nada disso, contudo, fez o processo andar. Até que, em 2015, o quilombola Aluizio Severo dos Santos, 66 anos, entrou na roda de discussão. Além de ser uma liderança antiga e respeitada, seu Aluizio pertencia a uma comunidade que ficava fora da terra que gerava o impasse, o que lhe conferia alguma neutralidade.

“Nós temos de sentar embaixo da árvore e resolver isso sem os brancos”, foi a primeira proposta do quilombola. Os índios acharam boa a ideia. “A gente sempre tem vivido ao lado dos quilombolas como irmãos. Então não tem por que a gente agora ficar brigando por terra”, disse o cacique Juventino.

A solução foi rápida. Os quilombolas abriram mão da área

onde ficavam as cinco aldeias e foram recompensados por outra, ao norte. No fim, seu Aluizio ligou para a procuradora Fabiana Keylla Schneider, 32 anos, responsável pelo processo no MPF. “Doutora Fabiana, nós chegamos num acordo aqui. Agora precisamos que a senhora faça um documento pra gente”, relembra seu Aluizio.

“Foi criada uma disputa que não existia, mesmo porque cada um sabia mais ou menos onde era o seu limite”, disse a procuradora, que atendeu ao pedido. O acordo foi assinado em Santarém, e índios e quilombolas fizeram um churrasco coletivo para comemorar. O Iterpa acatou a decisão. O Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (Ideflor-bio), que mantém uma floresta estadual na área de pretensão quilombola, aceitou refazer os seus limites. A Funai, contudo, continua com um pé atrás por uma questão que, no momento da conciliação, passou despercebida aos negociadores.

A terra indígena Katxuyana-Tunayana, cuja homologação tramita na Funai, tem 2,2 milhões de hectares – área equivalente a 14 vezes a cidade de São Paulo. Existem ali 18 aldeias e dezenas de povos falantes da família linguística Karib. Os Katxuyana, que batizam a região, são uma minoria, mas sua história é emblemática. Reflete o drama dos povos tradicionais, não apenas do oeste do Pará, mas de toda a Amazônia.

Em 1968, no auge da ditadura militar, os Katxuyana foram retirados de suas terras originais e levados para o parque do Tumucumaque, no extremo norte do município de Oriximiná, fronteira com o Suriname. A operação, conduzida por um grupo de religiosos católicos com apoio da Força Aérea Brasileira (FAB), tinha a motivação oficial de frear a mortalidade causada por doenças trazidas pelos brancos, principalmente gripe, sa-



rampo e tuberculose.

“A gente estava se acabando”, disse Honório Awahuku Katxuyana, 72 anos, que conversou com a reportagem numa noite de junho, sentado na varanda de uma das casinhas de madeira e palha da aldeia Santidade. Irmão de Juventino, ele era o cacique durante a remoção e diz que, na época, não havia nada a fazer senão ir embora. “Pra saúde foi melhor, se a gente tivesse ficado, nada disso aqui existia mais”, disse.

No Tumucumaque, os Katxuyana passaram a viver junto dos Tiriýó e de várias outras etnias também levadas para lá, com as quais não tinham nenhuma relação e não compartilhavam sequer o mesmo idioma.

Apesar do trauma causado nas famílias e do impacto na manutenção da cultura de cada povo, ações como essa não eram raras durante o período militar, segundo a antropóloga do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé) Denise Fajardo. “Nos anos 1960, o modelo era concentrar povos diversos em aldeias-base onde houvesse um posto indigenista ou uma missão religiosa.”

Ainda segundo ela, apesar de ter havido, realmente, uma série de mortes que motivaram a remoção, é necessário levar em conta outros fatores, como o projeto de construir uma hidrelétrica em Cachoeira Porteira. “A gente fica pensando se esse modelo de centralizar as populações foi proposital para que os planos de desenvolvimento pudessem se realizar, ou se era a única perspectiva que o Estado tinha pra evitar essas mortes. Agora, é difícil pensar que uma coisa não estivesse relacionada à outra”, disse.

Com o aumento populacional na missão Tiriýó, que chegou a contar com 700 habitantes, não demorou para que surgissem problemas com os quais os indígenas da região, acostumados a viver em aldeias de 25 a 50 pessoas, não estavam acostumados. “Não tem onde fazer roça, não tem mais o que caçar e o que pescar, não tem mais nada”, disse seu Honório sobre a situação atual do Tumucumaque. A solução foi retomar o território do qual eles haviam sido retirados mais de quatro décadas antes.

O movimento de retorno, liderado pelo cacique Juventino, começou no ano 2000 e ainda está em curso. Os Katxuyana já

estabeleceram três aldeias ao longo do rio Cachorro, a última delas em 2009. Ao todo, já retornaram 160 pessoas e há entre 10 e 15 ainda no Tumucumaque.

Além de comportar o espaço de retomada do povo de seu Juventino, a terra Katxuyana-Tunayana abriga um grande número de índios isolados. A Funai não sabe ou não divulga quantos ou de que etnia são esses povos, numa tentativa de preservar a opção deles por não contatar o homem branco. Há, ainda segundo a antropóloga Denise Fajardo, uma grande preocupação com a entrada de garimpeiros, madeireiros e até de missionários evangélicos, que invadem as terras na tentativa de catequizar esses povos.

Em parte por causa disso, ao analisar o acordo firmado entre índios e quilombolas para a demarcação de ambas as terras, a Funai demonstrou preocupação. A forma como a área foi redefinida deixou a foz do rio Kaspakuru fora da terra indígena, o que poderia facilitar a invasões que ameaçam a preservação da cultura.

Eles chegam em aeronaves convencionais, que pousam numa pista de terra, ou em hidroaviões, que os levam direto para as áreas de pesca. Numa busca rápida na internet, é possível encontrar pacotes de viagem que prometem sete dias de pesca no rio Trombetas por R\$ 3.800.

“A gente se alimenta do peixe, a gente não brinca com o peixe”, disse Juventino. “Eles usam a pesca como um esporte, mas muitas vezes quebram o anzol na boca dos peixes, eles não conseguem comer e acabam morrendo”, explicou o cacique, que, quando o assunto é a preservação do ambiente, não se furta a repreender o próprio povo.

No dia em que a reportagem visitou a aldeia Santidade (a 22 horas de barco de Oriximiná), por exemplo, os Katxuyana festejavam a abundância da caça. Em uma única noite, haviam matado dois jacarés, uma paca, um mutum e uma avantajada piranha-preta que logo seriam assados na lenha para ser servidos acompanhados de mandioca em alguma de suas diversas formas. Pode ser beiju, farinha, tapioca ou tucupi, mas ela está sempre presente no prato dos indígenas.

Diante da grande bacia de alumínio onde o alimento esperava pelo preparo, seu Juventino repreendeu os caçadores da vez. “Temos de tomar cuidado pra não exagerar, senão um dia acaba”, explicou.

Mas, apesar da preocupação, o cacique, assim como os quilombolas, é a favor da manutenção do acordo firmado “embaixo da árvore” em parceria com seu Aluizio. “Não queremos mais voltar atrás pra ter novos conflitos. Os detalhes que faltam ser ajustados não cabem mais aos indígenas e aos quilombolas. Cabem ao Estado e à Funai”, disse. Procurada, a Funai não indicou entrevistados até o fechamento desta reportagem. ■

A close-up photograph of a wine glass filled with red wine, set against a warm, wooden background. Green grapevines and leaves are artfully arranged around the base of the glass, adding a natural and organic feel to the composition. The lighting is soft, highlighting the rich color of the wine and the textures of the wood and leaves.

Desbrave o mundo dos vinhos

Iniciando nesse mundo? Temos 7 dicas pra você descobri-lo

Por LUCAS FREIRE



A pesar dos inúmeros termos técnicos e de toda a pompa que o mundo dos vinhos possui, não há (ou não deveria haver) um abismo entre quem gostaria de beber vinhos e quem já conhece e bebe há anos. Isso porque a linguagem universal do vinho é e sempre foi uma só: o paladar.

Pensando nisso, reunimos algumas dicas para você que tem intenções de desbravar esse belo mundo etílico!

MUNDO DOS VINHOS



#1 Qual o melhor jeito de aprender sobre vinhos?

Isso vai depender da profundidade do conhecimento que você quer alcançar! Se a ideia é entender como funciona toda a produção de vinhos, um passeio nas regiões vinícolas é bem interessante e pode ajudar muito (no Brasil você encontra várias opções de enoturismo). Há, como sempre, a hipótese de aprender sobre vinhos em livros, filmes, cursos e palestras, nos quais a carga de informações é grande e desafiadora.

Mas, como em qualquer outro assunto, a prática é bem-vinda: prove vinhos de diversas uvas, safras e localidades e os experimente sozinhos, acompanhados de refeições e, porque não, ao lado de amigos! Trocar ideias sobre o assunto é sempre uma boa opção.

#2 E tem jeito certo de beber vinho?

Existem alguns métodos para degustar vinhos (e você já deve ter visto várias pessoas fazendo isso), mas no fundo, assim como uma comida ou outras bebidas, o vinho serve para proporcionar prazer. Logo, o jeito certo é o jeito que você preferir!

Tem momentos em que você quer beber e falar sobre a experiência de ter um bom vinho nas mãos com familiares, amigos... em outros, basta você, uma garrafa de vinho e o silêncio. Ou seja, no final das contas, você decide qual é a melhor forma de apreciar

um vinho e esse será o “jeito certo”.

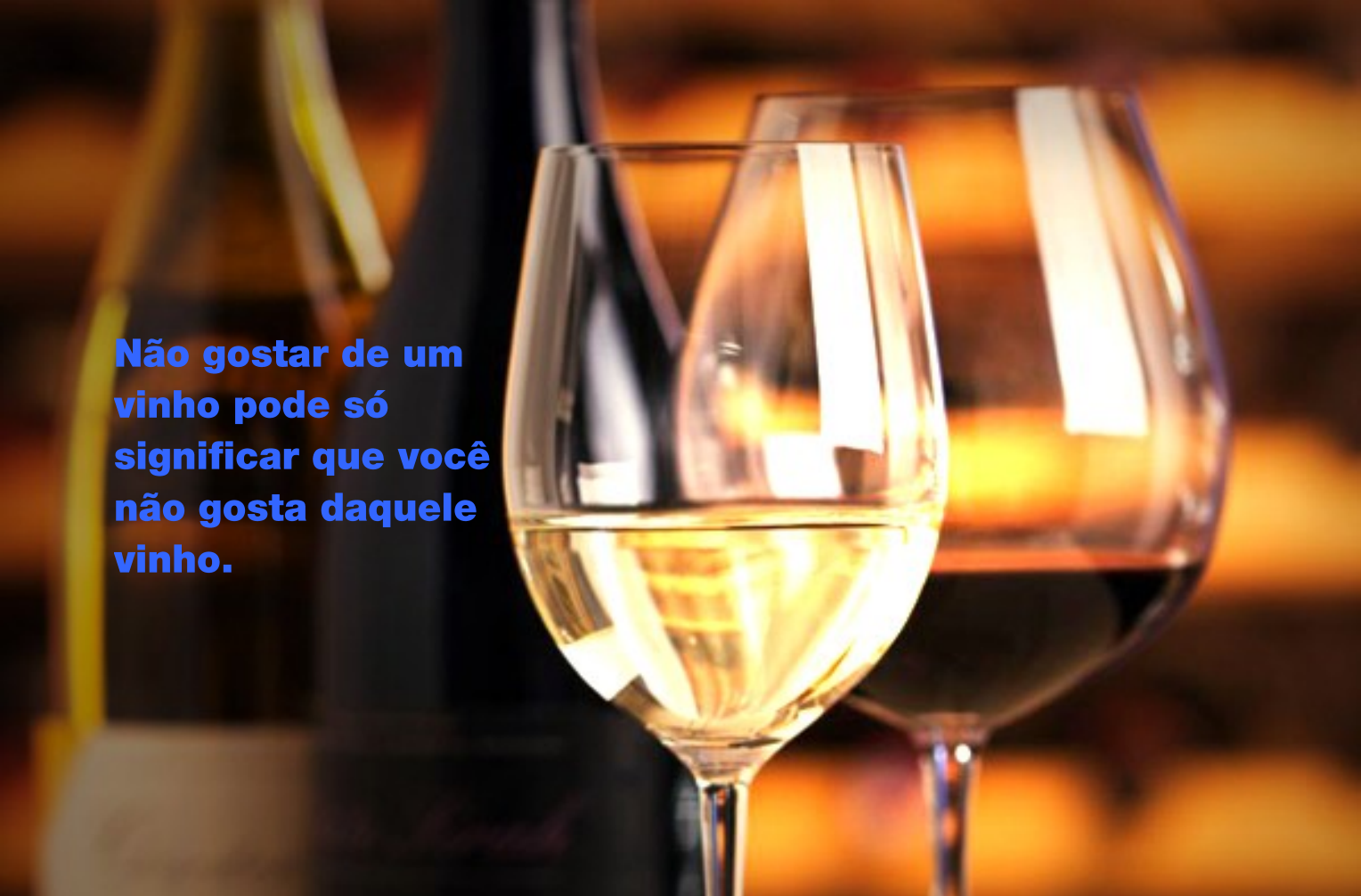
#3 Mas o que é degustar um vinho? Preciso de um curso para isso?

Degustar um vinho nada mais é do que beber com atenção e usando seus sentidos (visão, olfato e paladar). É prestar atenção na cor do vinho, no seu brilho, na sua limpidez, nos seus aromas, no seu sabor e nas sensações que ele deixa na sua boca, gole após gole. Existem vários cursos de degustação e investir nesse assunto é interessante, porém, opcional.

#4 Eu já provei alguns vinhos secos, alguns vinhos tintos, mas não gostei de nenhum. Meu paladar não é refinado?

O seu paladar é fruto das suas experiências alimentares, ou seja, de tudo o que você já experimentou e se permitiu experimentar desde a infância até os dias atuais. Caracterizá-lo é algo bastante subjetivo, já que gosto não se discute e nem é unânime.

No caso dos vinhos, há menos sentido ainda em classificar o paladar, pois não gostar de um vinho pode, simplesmente, significar que você não gosta daquele vinho ou daquele estilo, mas



Não gostar de um vinho pode só significar que você não gosta daquele vinho.



pode gostar de outros que sejam tão interessantes e de tão boa qualidade quanto.

#5 Devo começar a beber vinhos apostando nos mais caros e/ou importados?

Origem e preço não definem se o vinho é bom ou não. É você que define. Apesar de ser tentador optar pelos vinhos considerados clássicos, a faixa de preço em que muitos se encontram extrapolam a realidade financeira da grande maioria das pessoas. Nesse caso, fixe um valor máximo que você pode arcar e invista em vinhos de localidades, de safras e de variedades diversas.

#6 Existe um vinho certo para cada refeição?

Existem harmonizações que são consideradas perfeitas, já que as características do vinho combinam e se equilibram com os

ingredientes da refeição. Da mesma forma, há combinações que as pessoas evitam, sobretudo pelo choque de sabores que elas causam.

Mas como já foi dito anteriormente, paladar é algo singular e é sempre possível testar e aprovar combinações consideradas não-convencionais. Não é raro pensar “gosto muito desse vinho e gosto muito daquela comida, então vou juntar os dois”. E quanto errado isso pode dar? A melhor forma de descobrir é testando!

#7 Como faço para comprar vinhos com mais facilidade?

É sempre muito bom experimentar um produto antes de comprá-lo, mas nem sempre isso é possível. No caso dos vinhos, ainda é forte a tendência de muitos recorrerem às lojas físicas (mercados, delicatessen...) para adquirirem seus exemplares.

Contudo, as lojas virtuais estão ganhando cada vez mais espaço e se tornando grandes aliadas de quem está iniciando no mundo dos vinhos. Isso porque o comércio online, além de proporcionar mais informações sobre os vinhos, oportuniza o parcelamento das compras, a busca rápida de produtos a partir de filtros (preço, origem, tipo, uva) e a comparação de preços com as lojas concorrentes, o que rende uma bela economia!

E sempre é bom comprar vinhos dessa forma: sem pressa, com mais planejamento e, se possível, na comodidade de casa. Evitar a “pressão das prateleiras” pode ser um ótimo negócio! ■

A close-up, high-contrast photograph of a man's torso and arm. He is shirtless, showing well-defined abdominal muscles and a tattoo on his left side. His right arm is raised in a boxing stance, with his hand wrapped in yellow tape. He is wearing black athletic shorts with a yellow waistband. The background is dark and out of focus.

Definindo o abdômen

Os 7 melhores exercícios para oblíquos.

Por RICARDO WESLEY



ABDÔMEN



Quais são os melhores exercícios para trabalhar os músculos abdominais oblíquos? Seria aquela flexão de tronco lateral suficiente para desenvolver essa musculatura?

Neste texto vocês irão perceber que os melhores exercícios para os oblíquos não são necessariamente deitados ou envolvem flexão lateral do tronco, mas sim uma estabilização do tronco. Isso ocorre porque essa musculatura é exigida tanto para flexionar, quando para impedir que a flexão ocorra. Se você segurar um peso na sua mão direita, os oblíquos do lado oposto têm que se contrair para impedir que seu tronco flexione no sentido do peso.

A lista abaixo não está em ordem do melhor para o pior, simplesmente porque vai depender de cada situação. Diferentemente de um exercício para o bíceps, no qual precisamos saber quanto ativa está a musculatura, aqui por se tratar de movimentos que ajudam na estabilização da coluna — vão trabalhar tanto os oblíquos internos quanto externos — eles podem ser mais fáceis ou difíceis, mais ou menos necessários para você.

Abdominal tradicional

Para desmistificar os exercícios para o oblíquo, vamos começar com o mais improvável. Sim, o abdominal normal trabalha os oblíquos. Isso porque ao contrair ambos os lados ao mesmo tempo, realizamos a flexão de tronco! Isso é importante de saber para não fazer abdominal oblíquo em um dia e tradicional no outro, todos os dias da semana. Apesar de estimular essas musculaturas, você provavelmente vai fadigar o reto abdominal primeiro, aí que se faz necessário colocar outros movimentos.

Prancha lateral

O exercício mais clássico para priorizar os oblíquos e trabalhar a estabilização do tronco. Todas as variações são válidas, com os joelhos apoiados no chão, até uma posição de “estrela”. O importante é adequar a dificuldade ao seu nível de treinamento.

Abdominal pendurado lateral

Quando falamos de trabalho abdominal intenso, os “pendurados” apresentam algumas vantagens, como menor compressão da coluna e grande ativação. Essa variação é similar ao infra pendurado, mas ocorrendo uma flexão lateral do tronco.

Rotação com cabo e anti-rotação

Esse exercício vai trabalhar dinamicamente as musculaturas internas e externas, que funcionam para realizar uma rotação. É possível também realizar esse trabalho de forma isométrica, apenas resistindo a rotação. Essa seria uma versão mais segura do movimento.

Exercícios em ponte lateral

Quando o aluno já está muito treinado, aqui podemos dificultar o trabalho, introduzindo alguns movimentos nessa posição, em que o aluno deve manter a ponte lateral, mas tem que realizar também uma remada ou um pulldown (utilizando o cabo do cross-over ou um elástico na posição baixa) enquanto isso.



Vai depender de cada situação.



Exercícios unilaterais para braços

Quem diria que para trabalhar os oblíquos não precisamos fazer nenhum tipo de movimento focado neles? Conforme citado acima, os oblíquos trabalham muito impedindo a rotação e flexão lateral do tronco, por isso qualquer movimento unilateral de membros superiores trabalha os oblíquos. Ótimos exemplos são o supino com halteres deitado unilateral e desenvolvimento unilateral. Para dificultar, é possível ainda realizar esses mesmos movimentos no crossover e em pé.

Exercícios unilaterais para pernas

Os exercícios unilaterais para as pernas vão trabalhar da mesma forma que os movimentos para os braços, mas vão auxiliar na função do “core” de estabilizar a coluna. Por isso são excelentes em diversas situações. Os exercícios podem tanto ter um caráter preventivo quando de treinamento pesado. ■







Passe do jeito certo

7 dicas práticas para passar perfume da maneira correta.

Por PEDRO NOGUEIRA

medium.com/revista-becool 21



PERFUME

Certa vez perguntaram para Coco Chanel como passar perfume. A sugestão dela? “No lugar em que você quer ser beijado.” Foi uma resposta tão inteligente que até hoje — mais de 40 anos após sua morte — as pessoas ainda se lembram do conselho. Mas se você quer algumas dicas mais práticas, eis aqui um breve guia para ajudá-lo a aplicar o perfume da maneira certa:

1# APLIQUE NOS PONTOS PULSANTES

Fato? O calor intensifica os efeitos do perfume. Então os chamados “pontos pulsantes” do corpo, nos quais a artéria fica mais próxima da superfície da pele e a esquentar, são os melhores lugares para aplicar perfume. Assim ao longo do dia ele vai reagir à temperatura corporal e continuar emanando sua fragrância pelo ar.

Os pontos pulsantes mais populares para passar o perfume são a base do pescoço, os pulsos e atrás da orelha. A vantagem deles é que ficam em constante contato com ar.

2# VÁ COM CALMA NAS BORRIFADAS

Em geral duas borrifadas em locais estratégicos são o suficiente. Dependendo da potência do perfume você pode aplicar um pouco mais ou menos, mas sem exagerar. O ideal é que apenas pessoas dentro do seu “círculo aromático”, como diz o especialista em grooming Lee Kynaston, sintam o perfume — isso significa

mais ou menos a extensão do seu braço. Lembre-se também de não borrifar muito de perto, mantendo pelos menos uns 15 centímetros de distância para não concentrar tudo numa só área.

3# NUNCA ESFREGUE O PERFUME


Muitas pessoas têm o hábito de borrifar o perfume no pulso, depois esfregá-lo no outro e no pescoço também. Isso está errado. Você nunca deve friccionar o perfume pois assim você está “esmagando” sua essência. Os perfumes são compostos por notas olfativas de topo, meio e base. A fricção detona a de topo rapidamente.

Como agir, então? Simples: se você aplicou o spray no pulso e quer, por exemplo, passar atrás da orelha sem exagerar na dose com uma nova borrifada, apenas encoste na região sem esfregar. Trabalho pronto.

4# DESOBEDEÇA CHANEL E EVITE PASSAR ONDE VOCÊ QUER SER BEIJADO

Lembra do conselho da Coco Chanel que falei no começo do texto? Sobre passar perfume onde você quer ser beijado? Na teoria é super inteligente. Na prática, nem tanto. O gosto do perfume não é muito bom — afinal eles foram criados para agradar o olfato, não o paladar. Não chega a ser péssimo, também. Mas o melhor é evitar aplicá-lo diretamente nos lugares que podem incomodar a língua da sua parceira.

5# ACABOU DE SAIR DO BANHO?



**Duas
borrifadas
são o
suficiente.**

ESPERE UM POUCO

Quando saímos do banho, o nosso corpo está quente, o que faz o perfume evaporar mais rápido. Aguarde um pouco até sua temperatura corporal voltar ao normal, portanto, antes de passar o perfume. Outro truque para fazer a fragrância durar mais? Passe um pouco de hidratante sem cheiro nos lugares onde vai aplicá-lo. A pele seca é um dos fatores que fazem o perfume durar menos.

6# FUJA DOS DESODORANTES E COSMÉTICOS COM CHEIRO

Qual é o nosso objetivo ao usar um bom perfume? Cheirar bem, óbvio. E o que acontece se usarmos, além dele, um desodorante e outros cosméticos com perfume próprio? Um carnaval de fragrâncias que não combinam. Assim o resultado é o oposto ao que esperávamos em primeiro lugar. Fique ligado para não vacilar com isso.

7# CONSIDERE PASSAR PERFUME NO CABELO

Você deve considerar, também, a possibilidade de passar perfume no cabelo, porque tem uma fixação forte e garante que a fragrância dure bastante tempo. Mas neste caso, mais do que nunca, é importante moderação nas borrifadas, porque o perfume tem uma composição alta de álcool e pode ressecar o cabelo se for usado em excesso. Aplique no máximo 2 sprays e a uma boa distância, para não atingir o couro cabeludo. ■



‘Boa escrita requer empatia’

Professor de Harvard e especialista em linguagem, Steven Pinker fala sobre as razões por trás da proliferação de textos ruins e aponta preceitos para a boa escrita.

Por THAIS PAIVA

A ideia de que as novas mídias estão deteriorando o uso da língua não é só falsa como nociva. Quem diz é o cientista canadense Steven Pinker, professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Harvard e especialista em linguagem. Para ele, hoje as pessoas estão escrevendo mais e a oferta de boa escrita é cada vez mais vasta. “Quando foi a última vez que você ouviu alguém reclamar ‘não há nada de bom para ler na internet?’”, provoca.

No entanto, ainda são muitos os que apresentam dificuldade para escrever textos claros e coesos. Segundo Pinker, o texto mal escrito não é necessariamente resultado da falta de conhecimento. Pelo contrário, pode ser fruto do que ele chama de “maldição do conhecimento”, isto é, especialistas que pressupõem que seus leitores já sabem o que eles sabem e não se preocupam em explicar.

Em entrevista, o professor falou sobre seu livro *Guia de Escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância* (Ed. Contexto), no qual elenca princípios que devem nortear o autor para uma produção textual de qualidade e esclarece as relações entre as ciências da mente e o funcionamento da linguagem.



Por que as pessoas têm tanta dificuldade para escrever?

Steven Pinker: Primeiramente, escrever é uma tarefa artificial, que nós não nascemos para fazer. Como escreveu Charles Darwin, “o homem tem uma tendência instintiva para falar, como podemos ver no balbuciar das crianças pequenas, enquanto que nenhuma criança mostra uma tendência instintiva para assar, fermentar ou escrever”. Quando você fala, você conhece o ouvinte pessoalmente e pode prever o que ele já sabe. Quando escreve, o leitor é um estranho; você tem que adivinhar o que ele sabe e o que não sabe. Além disso, com o discurso, você pode monitorar a reação do ouvinte – vê-lo concordando com a cabeça ou franzindo a testa em perplexidade. Quando escreve, você tem que adivinhar – e provavelmente estará errado.

Em seu livro, o senhor diz que a ideia de que o uso da língua está se deteriorando é falsa. As pessoas estão escrevendo mais do que nunca por conta das novas mídias. Mas estão escrevendo com qualidade?

Há bilhões de pessoas escrevendo! Alguns textos são ruins – e sempre foram. É um erro apontar a escrita de má qualidade que vemos hoje e alegar que ela é consequência do fato da escrita estar piorando. As pessoas se esquecem de todos os textos ruins do passado. E há uma vasta oferta de bons textos atualmente. Quando foi a última vez que você ouviu alguém reclamar “não há nada de bom para ler na internet?”.

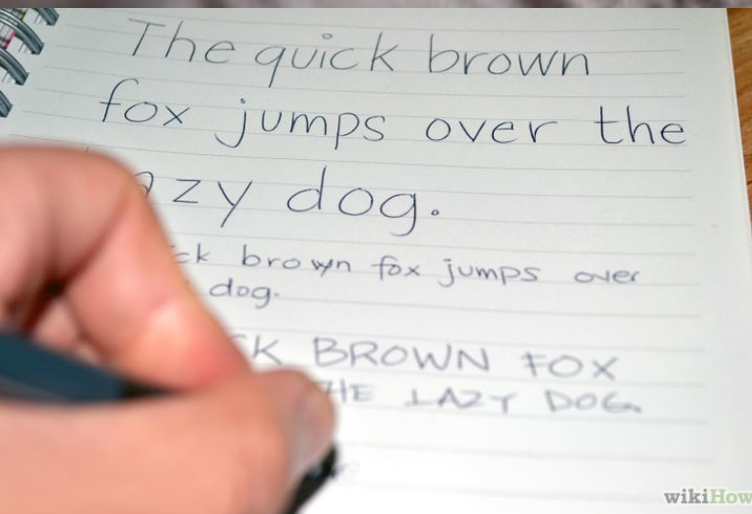
O senhor também diz que o texto mal escrito não é

necessariamente resultado da falta de conhecimento. Pelo contrário, quanto mais especializada uma pessoa for em um tema, maiores as chances desse autor usar uma linguagem hermética e distante e se comunicar mal. Por que isso acontece?

A razão pela qual os especialistas têm dificuldade para se comunicar é que eles estão sujeitos à “maldição do conhecimento” – a dificuldade de entender como é não saber algo que eles sabem. Como resultado disso, autores usam abreviações e jargões ou falham em descrever o concreto, detalhes visuais de uma cena; eles pressupõem que seus leitores já sabem o que eles sabem e não se preocupam em explicar. Há inúmeras maneiras de evitar a maldição do conhecimento. A primeira é estar ciente dela, perguntar a si mesmo “o que meu leitor já sabe sobre o que eu estou escrevendo?”. Boa escrita requer empatia. A segunda coisa é colocar o texto de lado por um tempo e voltar para ele depois quando ele já não é familiar para você. Você se verá dizendo “o que eu quis dizer com isso?”. A melhor estratégia de todas é mostrar um rascunho para um leitor representativo e ver o que ele entende. Você se surpreenderá ao ver que o óbvio para você não é óbvio para todo mundo.

Podemos falar em “erro” quando se trata de língua, algo que sabemos estar em constante mudança? Se sim, deveríamos dar tanta importância para eles?

O erro é definido em relação às expectativas de determinado conjunto de leitores – um grupo de pessoas alfabetizadas que se importam com a escrita e esperam que determinadas convenções



aos seus leitores?

Isso pode ser parte do problema, mas um maior está no fato dos autores se preocuparem que seus colegas de profissão/área pensem que são inferiores, então eles tentam antecipar todas as objeções e críticas possíveis e evitam a linguagem simples porque isso talvez revele que são ignorantes. Em outras palavras, um autor ruim não está tentando ser superior aos seus leitores, está tentando não ser inferior às pessoas que ele acredita que estão julgando-o, isto é, os experts em seu campo de atuação. Mas escrever de forma defensiva e tentando provar que não é ignorante só irá fazer sua prosa difícil e hesitante para a grande maioria dos leitores.

A ordem com que os pensamentos surgem na nossa mente é diferente daquela em que os argumentos são mais facilmente entendidos pelo leitor? Como alinhar essas duas dimensões?

sejam seguidas. As línguas mudam, mas isso não acontece de terça para quarta-feira. Se sim, ninguém poderia compreender o outro e se você pegasse um jornal do ano anterior não entenderia nada.

O senhor diz que a boa escrita é aquela que faz com que o leitor se sinta um gênio. No entanto, a escrita ruim é aquela que faz com que o leitor se sinta um estúpido. Parte do problema que vemos hoje com a proliferação de textos ruins não está ligada ao fato de que muitos autores querem se sentir superiores

Os pensamentos ocorrem ao autor por meio de associações – uma ideia te lembra outra que te leva a uma terceira ideia. Em seguida, você se lembra que você quis dizer três coisas diferentes e que acabou omitindo-as. Aí você antecipa uma objeção e responde à essa objeção e assim por diante. Mas o fluxo da consciência de um autor não corresponde ao modo como o leitor consegue absorver uma informação. O mais importante princípio na hora de apresentar ideias é “dado, agora algo novo” – comece cada sentença com aquilo que o leitor já está pensando, então apresente a informação nova para o leitor no final da frase. ■



Carol Marra









[PAPARAZZO]











PAPARAZZO









É POSSÍVEL TER PRAZER

7 dicas pra fazer do sexo anal mais prazeroso.



PRAZER ANAL

Foi-se o tempo em que praticar sexo anal era tabu. Algum tempo atrás, um levantamento do “Datafolha” revelou que 57% das mulheres brasileiras já fizeram. Mas “fazer” não é sinônimo de “gostar”, porque só 7% delas afirmaram ter curtido muito a experiência. Ou seja? A maioria das mulheres está aberta à possibilidade, mas os rapazes não estão fazendo a sua parte e falhando em proporcionar prazer a elas.

Por isso, senhores, hoje vamos falar sobre como deixar o sexo anal mais gostoso para uma mulher – e, assim, garantir que a experiência volte a se repetir no futuro. Convidamos a youtuber Débs, do “Um Canal Aí”, para nos ajudar a reunir algumas dicas sobre assunto. Inclusive, ela gravou um vídeo ensinando suas seguidoras a fazer sexo anal pela primeira vez. Vale a pena da uma olhada depois.

1# CAPRICHE NA PRELIMINAR

A primeira dica? Capriche na preliminar. “Antes de colocar seu pênis no ânus dela, faça aquela preliminar maneira. Invista no oral para deixá-la excitada e mais relaxada”, sugere Débs. “Se você se apressar e sair penetrando a moça, pode ser o fim do sexo anal entre vocês.”

2# COMECE COM OS DEDOS

O grande problema do sexo anal para as mulheres é a dor. Se ela ficar tensa e os músculos anais não estiverem relaxados, pode esquecer: não vai dar certo. O ideal é começar a brincadeira com o dedo, para ela ir se acostumando, e só depois partir para o ato principal com o pênis, quando ela der o sinal verde.

3# LUBRIFIQUE BASTANTE

Ao contrário da vagina, o ânus não tem lubrificação natural. O

buraco já é apertado, aí sem lubrificação fica difícil – ou, melhor, impossível. O ideal é usar um lubrificante íntimo antes e durante a transa. Mas na falta dele, o bom e velho cuspê pode ajudar.

4# TAMBÉM PRECISA DE CAMISINHA

Sexo anal também precisa de camisinha, senhores, porque transmite DST. Outro benefício do preservativo é que ajuda seu pênis a deslizar pela porta dos fundos dela. Aliás, uma dica fundamental: em hipótese alguma vá do ânus para a vagina sem antes trocar a camisinha, porque se você fizer isso, pode levar bactérias do intestino para lá e causar uma infecção vaginal.

5# ACERTE NAS POSIÇÕES


Na hora do sexo anal, a maioria dos casais vai direto para a posição de quatro. Mas isso pode não ser uma boa ideia, por causa da profundidade da penetração, o que causa dor. O melhor é começar de ladinho ou, então, com ela por cima – o que a deixa ficar no controle do ritmo. Depois que ela estiver mais confortável, aí vocês podem passar para o doggy style, se quiserem.

6# VÁ COM CALMA

Tenha paciência, cavalheiro. O sexo anal pode doer para ela no começo. Então a regra primordial é ir com calma. Penetre devagar e, se causar dor, pare onde você está e espere até ela se acostumar à sensação e seus músculos relaxarem. Depois vá avançando lentamente, de pouco em pouco. “Vá testando e percebendo as reações do corpo dela”, diz Débs.

7# NÃO DEIXE AS MÃOS OCIOSAS

Lembre-se da dica de ouro quando o assunto é orgasmo feminino: “Estimular o clitóris”, diz Débs. “É a receita de bolo para o sucesso.” Essa é uma grande vantagem da posição de ladinho,

A close-up photograph of a young man and woman in a romantic embrace. The woman, with blonde hair, is leaning her head against the man's forehead. They are both looking down, and the woman's hand is gently touching the man's neck. The man has a short beard and is looking towards the woman. They are both wearing white, textured, off-the-shoulder tops.

A regra primordial é ir com calma.

porque você consegue brincar com o clitóris dela e, assim, levá-la mais facilmente ao clímax.

BÔNUS: A DUCHA PRÉ-SEXO

Algo que pode deixá-la tensa e impedi-la de relaxar? A insegurança por transar no mesmo buraco que usa para fazer o número 2. Então o ideal é vocês falarem sobre o assunto antes, para sua parceira estar preparada. Isso significa já ter ido ao banheiro no dia e fazer uma boa limpeza no banho.

Algumas mulheres gostam de realizar a higienização com o chuveirinho lá dentro, mas é bom ela tomar cuidado, colocando uma pressão baixa na água e sem demorar muito, para não ocorrer lesão na região. Ela também não pode repetir essa limpeza com muita frequência, ok? Porque o excesso faz mal para o intestino.

Mesmo com essa limpeza cuidadosa, é possível que “acidentes” ocorram na transa. Não fique assustado, então, se a camisinha sair um pouco marrom. Afinal, esse buraco não foi inventado originalmente para isso, né? Se acontecer, aja com naturalidade, para ela não se sentir mal.

CONCLUSÃO: O SEXO ANAL PODE, SIM, SER GOSTOSO PARA ELA

Para Débs, existe um mito do que “o sexo anal é a melhor coisa do mundo para os homens e que as mulheres só fazem para agradá-los”, diz. “Mas tenho prazer de dizer que é um mito.” O ânus é rico em terminações nervosas, então o sexo anal, quando bem feito, pode ser uma experiência gostosa para ela também. Basta você saber como conduzir a transa bem. ■



A portinha do armário



Dia desses eu quis participar de uma modinha do Twitter. Para os velhos que leem essa revista, eu explico: perto do Dia das Crianças, costuma-se convencer as pessoas de a colocar em seus perfis fotos de quando eles eram menores. Vale para Facebook e Twitter. Mesmo desanimada com o que aconteceu nas eleições, decidi me dar ao luxo de me divertir e fui atrás das minhas fotos.

Minha mãe disse que minhas fotos de criança estavam no armário do meu quarto. Mais precisamente numa das portinhas de cima. Eu que sou bem baixinha peguei uma cadeira e descobri que era um esforço inútil, pois ela não tinha altura suficiente para que uma anã como eu pudesse alcançar aquela porta. Cheguei a pegar uns livros, mas percebi a tempo que tinha muito medo de cair por causa deles. Por sorte havia uma espécie de caixa de madeira que resolveu todos os problemas.

Quando eu finalmente alcancei a tal porta vi o tamanho da bagunça que havia ali. Eu nem imaginava quanta tralha da minha infância havia lá. Só sei que, por um tempo, minha memória afetiva foi plenamente ativada pelas bugigangas que lá repousavam sob a poeira.

Mas eu não podia me distrair, eu estava em busca das minhas fotos e tinha que olhar a fundo para MINHA NOSSA MINHAS BONEQUINHAS DAS MENINAS SUPERPODEROSAS! Desculpem, é que eu realmente achava que tinha perdido as três. Mas eu não pretendia brincar com nenhuma delas. Eu simplesmente parei e voltei à minha infância antes mesmo de achar minhas fotos.

Decidida a explorar aquilo tudo, encontrei ali naquela porta um passaporte para minhas melhores lembranças. Meu CD das Spice Girls, por exemplo, estava vivo. Pensei em tentar colocar o CD no computador só pra ver se ainda funcionava, mas antes disso eu encontrei ali um álbum de figurinhas completo, também das Meninas Superpoderosas. Puxa, eu realmente gostava delas. Passava tardes inteiras vendo desenhos e elas eram minhas favoritas.

Pensei comigo: será que no meio dessa bagunça eu vou achar...? Sim, eu achei! Minha primeira câmera fotográfica. Ganhei de presente de uma tia que hoje mora no interior. Pensei em ligar pra ela assim que acabassem minhas aventuras. Desisti porque nem minha mãe sabia dizer onde ela se meteu.

Ainda antes de achar minhas fotos achei uma almofadinha da Minnie. Estava em bom estado, de modo que pensei que poderia estar em um brechó (não suporto mais almofadinhas com estampas. Sou dessas). Também achei uma fita VHS (se você lembra, não tinha que estar lendo essa revista) do Monstros SA. Como eu não tenho mais videocassete e essa coisa nem é mais fabricada no mundo, deixei de lado.

Achei pilhas. Fiquei me perguntando pra que eu haveria de deixar pilhas ali encostadas. Isso ainda não se tornou obsoleto, né? Assim como a fita isolante que eu não sei porque raios estava no mesmo quarto que eu. Obsoleto mesmo só o celular de flip que estava guardado ali, mas nem ligava mais.

Cheguei à conclusão de que aquela portinha era um espaço pra guardar todo tipo de tralha, desde aquelas obsoletas até aquelas que têm valor emocional. Porque despertam o melhor dos momentos que vivemos em nossas vidas, sejamos jovens ou velhos.

Foi aí que finalmente achei um álbum de fotos de 1998. Eu ainda era pirralha nessa época. Eu iria colocar uma daquelas fotos no Twitter, mas quer saber? Melhor deixar essas memórias só pra mim. Foi essa a conclusão a que cheguei antes de passar um bom tempo olhando as fotos e as tralhas, relembrando histórias de uma infância nos tão falados e celebrados anos 90.

Eu acho que a memória afetiva gosta de nos pregar peças - e ainda vou escrever um texto sobre isso (mês que vem não, pois férias) -, mas eu confesso que foi até divertido voltar no tempo por algumas horas. Mesmo que fosse só pra depois decidir o que daquela tralha ia para o lixo. Fui dali direto pra minha cômoda, onde também guardo coisas da minha infância, e passei umas horas pensando em como havia coisas legais no passado. Naquele noite, sonhei que era a Florzinha.

Quero o meu mundo de volta



A frase que mais tenho ouvido nos últimos tempos é “está tudo na internet”, como se eu não precisasse mais pegar nada nas mãos, apalpar, cheirar, passar a língua para sentir o gosto. Basta dar um clique no teclado que um admirável mundo se ilumina à minha frente.

Às vezes é mesmo verdade.

Outro dia mesmo procurei no Google a imagem de uma caixinha amarela de Eskibon do meu tempo de menino e ela estava lá. Procurei um anúncio do Danoninho em que um menino francês fala geladerra e achei, sem muita dificuldade.

Minhas filhas, que são bem mais modernas que eu – claro – vivem me dando dicas. Por exemplo, eu poderia substituir quatro paredes de CDs da nossa casa pelo Spotify e ouvir todas as músicas que tenho. Poderia substituir o meu escritório forrado de livros por um Kindle, bem fininho, que não ocuparia espaço nenhum.

Talvez eu seja um herói da resistência. E olha que, um dia, já me desfiz de quinze mil discos de vinil que ocupavam boa parte deste pequeno apartamento que temos. E olha que todo fim de ano, encho umas caixas de livros lidos mas que não quero guardar e passo pra frente.

Mas hoje vim aqui confessar que quero o meu mundo de volta.

Quero comprar um postinho de gasolina cheio de carrinhos para o meu neto que vem aí, ou então os tijolinhos do Pequeno Arquiteto, quem sabe um carrinho de rolimã ou uma patinete?

Quero sentir o cheiro de tinta de uma Realidade comprada na

banca, lamber o indicador e ir passando as páginas. Quero deitar na rede, ler algumas reportagens e depois colocar a revista no chão quando o sono chegar.

Quero ir pra rua e fazer sinal pro motorista de táxi parar e me levar ao cinema na Consolação. Cansei de ficar aqui sentado chamando Uber e escolhendo filmes no Netflix.

Quero comprar um disco de vinil dos Monkees, chegar em casa, desembulhar o pacote, admirar o desenho da capa, retirar lá de dentro o encarte e ouvir cada faixa do lado A, depois as do lado B, acompanhando e traduzindo as letras, verso por verso.

Quero comprar um bloco Aviator com folhas de seda para escrever uma carta para o meu amor. Depois pingar uma gota da colônia Pinho de Campos do Jordão, só pra dar uma de Roberto e impressionar.

Quero ir ao armazém comprar uma escovinha, uma flanela e uma latinha de graxa Nugget para engraxar os meus sapatos.

Quero sair andando por aí sem Waze, parando em cada esquina e perguntando onde fica o Gigetto, para que eu possa comer aquele cabrito com batatas e brócolis.

Quero uma caixa de lápis com 48 cores para que eu possa rabiscar aquela revistinha chamada Para Colorir.

Quero de volta a minha caneta Parker 51 e aquele vidrinho de tinta azul real lavável para que eu possa fazer uma composição cujo tema é Minhas Férias.

Quero sim, ver as rendinhas das anáguas das meninas quando elas cruzam as pernas nos bondes da cidade.

Quero sentir aquele cheirinho da fumaça que vinha do primeiro trago do cigarro Continental sem filtro do meu pai.

Quero minha coleção de soldadinhos de chumbo, escondidos numa caixa de sapatos Clark debaixo da minha cama.

Quero rir com Ronald Golias na Família Trapo, com Zé Vasconcelos contando piadas e com Grande Otelo no filme Um Candango na Belacap.

Quero pegar um carro de praça com a minha mãe e ir até a cidade tomar um milk shake de morango na lanchonete das Lojas Americanas.

Quero plantar um feijãozinho no algodão, pingar umas gotinhas de água todos os dias e ficar observando ele crescer.

Quero jogar uma partida de futebol de botão, fazer um gol com aquele temível Ademir da Guia, verdinho, que colocava a bolinha sempre na última gaveta.

Quero ver na televisão em preto e branco aqueles palitos marchando na propaganda dos fósforo Marca Olho, Pinheiro e Beija Flor.

Quero ir ao Banco Nacional, aquele que estava ao meu lado, descontar um cheque, conversar com o gerente, reclamar com o caixa da demora e explicar a ele que minha assinatura está diferente porque faz muito tempo que eu assinei essa ficha de cartolina.

Quero uma cédula de papel para poder fazer um X na frente do nome do meu candidato. E se o nome dele não estiver lá em 2018, escrever em letras garrafais com o meu lápis Johann Faber: Temer golpista!

CHARGE



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: Agência Pública, Carta Educação, Paparazzo, El Hombre, Adorocinema, Livraria da Folha e G1.

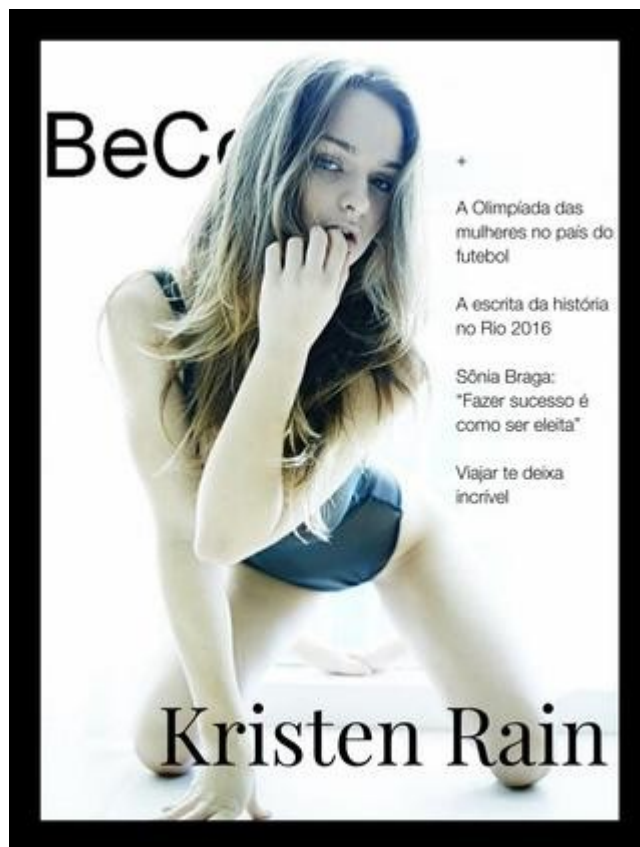
MAIS
+

REVISTAS

BECool é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

LEIA TAMBÉM



SIGA-NOS

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

youtube.com/revistabecool

